

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

Eduardo Gern Scoz*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p111-131

Resumo: Este artigo é produto de uma pesquisa individual, intitulada *Catarina de Médici (1519-1589): imagens de gênero e poder*, orientada pela Professora Doutora Ana Paula Vosne Martins (UFPR). A pesquisa objetivou compreender as articulações entre gênero e poder na França Renascentista a partir da trajetória biográfica e política da rainha-mãe Catarina de Médici, esposa de Henrique II e regente de seu filho, o rei Carlos IX (1560-1574). Pretendeu-se analisar as particularidades do exercício do poder e da influência exercida por Catarina no contexto político das guerras de religião na França, primeiro como esposa, mas especialmente como viúva e mãe de três monarcas. Defendemos a hipótese de que Catarina soube manejar o papel tradicional esperado de uma rainha mãe em favor de seus filhos, da dinastia dos Valois-Angoulême e da monarquia francesa, exercendo o que chamamos de maternidade política. Para tanto recorreremos às fontes jurídicas, imagéticas e epistolares.

Palavras-chaves: Catarina de Médici; História das Mulheres; História da França; Maternidade Política; Representação.

* Estudante concluinte do curso de licenciatura e bacharelado em História da Universidade Federal do Paraná e bolsista do PET História UFPR. Faz Pesquisa Individual orientado pela Professora Dra. Ana Paula Vosne Martins. Contato: eduardogscoz@gmail.com

Introdução

Catarina de Médici é um dos sujeitos históricos mais controvertidos da história da França. Sobre ela foi escrita uma extensa bibliografia, além de estar presente no imaginário coletivo francês e europeu até a atualidade. Entretanto, ao contrário de personagens históricas como Joana d'Arc ou Luís XIV, o Rei Sol, que são conhecidos por sua magnanimidade e/ou grandiosidade, Catarina ficou conhecida pela perfídia e pelo suposto dano que causou à França, seja pelos massacres da Noite de São Bartolomeu (1572) ou pelo alerta deixado às gerações de homens envolvidos com o poder que a sucederam sobre o “perigo da ginecocracia”.¹

Catarina foi uma figura multifacetada, que carrega um legado complexo e paradoxal, tendo exercido poderes políticos e diplomáticos extraordinários para uma mulher da época em que viveu. Estes poderes se fundamentam na maternidade, que foi exercida por ela indissociavelmente da função política, visto que a França impedia, através da Lei Sállica, que as mulheres pudessem exercer o poder soberano. Por conta da relação entre sua atuação política e o seu consequente deslocamento do lugar esperado de uma mulher de seu período, a historiografia atual se debruça sobre controversas mulheres como Catarina para entender o porquê da construção de uma imagem tão negativa e de que forma a imagem produzida por ela foi distorcida por valores misóginos da sociedade patriarcal ocidental desde o século XVI.

A pesquisa atual foi desenvolvida com base em três conceitos principais, a *maternidade política*, desenvolvida por Kathleen Weellman (2015) e Katherine Crawford

¹ Ginecocracia, de acordo com o jurista francês do século XVI, Jean Bodin, é o governo exercido por uma mulher. Desta forma, uma mulher soberana feria as leis naturais e divinas que ordenavam que a mulher estivesse sob o domínio do homem, não só no governo dos reinos e impérios, mas igualmente no governo da família. Para Bodin a ginecocracia seria a inversão da ordem divina e natural (BODIN, 1967).

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

(2000); o *gênero como categoria útil para a análise histórica*, como apontado por Joan Scott (1995); e *representação*, de acordo com Roger Chartier (1991). Esses conceitos foram utilizados para analisar as diversas fontes às quais recorreremos e que demonstram a pluralidade da atuação sociopolítica e privada de Catarina, como as fontes epistolares, imagéticas e jurídicas.

O presente artigo analisa a atuação política de Catarina de Médici durante o período de regência de seu filho, o rei Carlos IX. Este contexto foi marcado pelo acirramento das disputas políticas entre os católicos e os huguenotes e pelo perigo constante do desmembramento do território francês e da instabilidade da monarquia frente a tantos conflitos internos. Assim, analisando as fontes, é possível perceber que a construção da imagem de Catarina – seja por ela mesma em suas cartas enviadas às diversas autoridades francesas e de outros interlocutores internacionais, ou por retratos encomendados pela Coroa; seja por seus opositores, em escritos jurídicos e pinturas críticas, como as de François Dubois – foi marcada pelo julgamento negativo e positivo baseado no gênero.

Catarina de Médici: a órfã italiana que foi rainha da França

Catarina de Médici nasceu em 13 de abril de 1519, na poderosa cidade de Florença, filha do duque Lourenço II de Médici e de Madalena de La Tour de Auvérnia, herdeira dos Bourbon. Seu pai e sua mãe morreram tragicamente no mesmo ano do nascimento de sua filha, em 1519, deixando-a órfã. Dessa forma, a situação de Catarina era bastante vulnerável, mas por sua origem se tornou uma peça importante no cenário político europeu, tendo sua educação orientada por seu tio paterno, o Papa Clemente VII (CRAWFORD, 2000). Após diversos reveses, como a expulsão dos Médici de Florença, Catarina foi criada na maior parte de sua vida por sua tia, Clarice Strozzi,

frequentou conventos e, por fim, esteve sob os cuidados de seu influente tio em Roma, quando aprimorou seus estudos humanistas até atingir a idade adequada para as meninas de sua época casarem. Muitos pediram sua mão em casamento, incluindo o rei da Escócia, Jaime V, porém quem mais agradou o Papa foi o delfim da França, Henrique, duque de Orleães, filho do rei Francisco I (FRIEDA, 2011).

Todos na corte francesa, com o passar do tempo, ficaram impressionados com sua inteligência, perspicácia e graciosidade, com exceção de seu marido, que desde o início do casamento, demonstrava muito mais interesse em sua amante, Diana de Poitiers. Todavia, a perda do dote de Catarina após o cerco de Florença pelo imperador do Sacro Império Romano Germânico, Carlos V, a dificuldade em engravidar e sua origem italiana fizeram com que sua situação ficasse cada vez mais fragilizada na corte francesa, sendo motivo de chacotas e insultos (FRIEDA, 2011).

Catarina de Médici, após dez anos, deu à luz ao seu primeiro filho, o futuro rei Francisco II, e desempenhou de forma exemplar o seu papel de esposa, fazendo com que sua imagem começasse a mudar a seu favor (CRAWFORD, 2000). Após a coroação do casal como rei e rainha da França em 1547 e do nascimento de dez filhos, dos quais sete sobreviveram, Catarina se viu em uma posição de grande respeito, à qual ela colaborou sendo uma esposa obediente – silenciosamente tolerando a traição pública de Henrique com Diana – e uma mãe zelosa. Catarina incorporou a deferência ao *pater familias*, ao construir sua imagem de mulher virtuosa, e ganhou a confiança de seus súditos e de seu marido soberano, ao ponto de se tornar regente em algumas ocasiões enquanto Henrique II lutava em guerras contra a Espanha e o Império.

A morte repentina do rei da França, em 1559, causou pânico entre todos, visto que o sucessor, o primogênito Francisco, com apenas quinze anos, era muito inexpe-

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

riente e com uma saúde bastante frágil, iniciando assim um período regencial com o fervoroso e intransigente católico Francisco, Duque de Guise. Todavia, após dezessete meses, Francisco II morreu e seu irmão mais novo, Carlos, assumiu o trono, com apenas dez anos de idade. Carlos IX era incapaz de governar, porém, nesse momento, sua mãe decidiu tomar a frente na regência. Enfrentando oposição de diversos lados, principalmente dos Bourbon e dos Guise, Catarina se tornou regente, papel esse que desempenhou com muita convicção com um único propósito: assegurar aos Valois-Angoulême o trono francês (CHANG, KONG, 2014).

O sucesso em obter a regência se deu primordialmente pela imagem austera, virtuosa e zelosa que ela havia construído durante as quase duas décadas como esposa, mãe e depois, viúva (CRAWFORD, 2000, p. 655). Após o falecimento de seu marido, Catarina adotou o preto como a única cor de suas vestes até o final de seus dias, fazendo com que essa lealdade ao casamento e ao marido, mesmo após sua morte, a tornasse uma mulher admirada e respeitada, um verdadeiro exemplo de rainha, mãe e esposa. Ademais, sua posição sempre favorável à conciliação foi muito importante em um contexto de acirradas disputas religiosas, mas também para manter o poder do reino, visto a menoridade e incapacidade do rei, seu filho.

Mesmo com sua política conciliatória de casamentos, como o de Henrique de Navarra com sua filha Margarida de Valois, e demais arranjos diplomáticos, a primeira das oito guerras de religião que assolaram a França até o fim do século XVI, iniciou-se em 1562, após apenas dois anos de regência da rainha-mãe. A unidade da França estava bastante ameaçada, enfrentando forças externas da Espanha e do Império, além das dissensões internas, opondo os Guise (católicos) e os Bourbon (huguenotes) e dividindo outras famílias importantes da nobreza francesa. Além disso, a situação instável representada pela regência, visto que as mulheres eram impedidas de assumir o

poder político pela Lei Sálica, e a inabilidade e imaturidade de Carlos IX complicavam muito o cenário político. Dessa forma, paulatinamente sua imagem começou a ser manchada pelos facciosismos e intrigas internas e externas à França, culminando no marco para as Guerras de Religião (1562-1598) que foi a Noite de São Bartolomeu, em 1572, quando milhares de franceses foram assassinados em Paris e nas províncias.

A Noite de São Bartolomeu marca não apenas a história francesa, mas a imagem de Catarina, a qual foi considerada como a mente criminoso por trás da morte de milhares de protestantes. Ela foi acusada pelos seus inimigos políticos de planejar o ataque que durou quase um mês e difundiu a violência por diversas regiões da França, além de ser vista como a sombra maligna a influenciar seu filho, o rei fraco, para dar aval às atrocidades que queria cometer – “a rainha mãe foi efetivamente e ironicamente transformada em uma monstruosa assassina de outras mães” (CHANG, KONG, 2014, p. 27).² De mãe zelosa, Catarina passou a ser a usurpadora maquiaveliana, que desejava a qualquer preço o poder, mesmo que precisasse controlar seus filhos e colocar em risco a integridade da própria França.

Entretanto, essa mudança na imagem pública de Catarina não se deu abruptamente e é importante salientar que o papel esperado de uma mulher era restrito e sua atuação política era alvo de inúmeros ataques – até mesmo em reinados longos e bem sucedidos como foram os das rainhas Isabel de Castela e Elizabeth Tudor, da Inglaterra. Ademais, sua posição conciliadora acabou fazendo com que as alas mais radicais e intransigentes, especialmente dos huguenotes, a vissem como uma megera. Dessa forma, a imagem de Catarina de Médici foi sendo cada vez mais demonizada em uma extensa produção imagética, literária e jurídica sobre suas supostas ações

² Tradução livre: The queen mother is thus effectively and ironically transformed into a monstrous murderer of other mothers.”

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

pérfidas, além de um imaginário coletivo que até a atualidade reforça estereótipos e crenças de sua suposta devoção ao mal.

Maternidade política na vida da rainha-mãe

Através da análise das fontes selecionadas é possível entender de que forma ocorreu uma mudança na imagem de Catarina durante os anos de sua regência. Porém, primeiramente, é importante contextualizar como a rainha-mãe atuou politicamente antes dos acontecimentos da Noite de São Bartolomeu. Sua agência política foi bastante sofisticada, na medida em que unia os valores esperados de uma rainha à uma atuação política de fato.

As historiadoras Kathleen Weellman (2015) e Katherine Crawford (2000) analisam a agência política das mulheres na medievalidade e modernidade, de forma particular, através do conceito de maternidade política. Esse conceito identifica na atuação política das mulheres desse período a maternidade como agente de ação, não apenas como condição natural da mulher. Elas entendem que é preciso compreender as formas disponíveis utilizadas por elas para ter acesso ao poder, que são diferentes dos utilizados pelos homens. Ou seja, na França, devido à Lei Sállica, supostamente desde sua fundação no século V, o exercício do poder político por uma mulher só seria possível indiretamente. Catarina de Médici foi regente enquanto seu marido estava nas guerras, ou quando seu filho, Carlos IX, era menor de idade. Sendo assim, sua atuação política foi permitida temporariamente e como representante de seu marido ou filho, ou seja, na qualidade de esposa e de mãe, diferente do que aconteceu em outros reinos, como Castela, na Inglaterra ou Escócia, na qual mulheres foram monarcas soberanas por direito de sucessão.

O conceito de maternidade política é importante como crítica às interpretações historiográficas que eram feitas desde meados do século XIX, particularmente negativas às mulheres como Catarina. Especialmente Jules Michelet, François Guizot e Ernest Lavisse resgataram interpretações e representações de autores do século XVI como Jean Bodin para embasar suas teses detratoras à agência política de mulheres na modernidade e contemporaneidade (WEELLMAN, 2015, p. 82).

A maternidade política pode ser articulada ao conceito de gênero conforme aponta a historiadora estadunidense Joan Scott (1995). A história como disciplina por mais de um século esteve centrada em assuntos canônicos, como a política e a guerra, insuficientes para englobar a pluralidade da história, por isso, questões de gênero, assim como outras categorias como a sexualidade, a classe, a raça são importantes em análises mais voltadas para as relações entre indivíduos e sociedade. Dessa forma, os dois conceitos de maternidade política e gênero ajudam a entender sob outras perspectivas um tema tradicional, como a política.

Ironicamente, o apelo à maternidade como fundamento da autoridade política ainda é levado menos a sério pelos historiadores modernos, muitos deles feministas, do que por seus contemporâneos. A regência materna quase não está presente na mídia para definir um novo status político, enquanto o rei patriarcal definiu uma nova filosofia política e fez uma reivindicação legítima e persuasiva do poder monárquico. Como enfatiza Theresa Earenfight, é raro as mulheres serem integradas à história da teoria política, que ela caracteriza como um “bastião robusto de homens escrevendo sobre homens”. (WEELLMAN, 2015, p. 92)³

³ Tradução livre: Ironically, the appeal to motherhood as a foundation of political authority is still taken less seriously by modern historians, many of them feminists, than by their contemporaries. The maternal regent merely made effective use of media to define a novel political status, whereas the patriarchal king defined a new political philosophy and made a legitimate, persuasive claim for monarchical power. As Theresa Earenfight emphasizes in this forum, it is rare for women to be integrated into the history of political theory, which she characterizes as a “sturdy bastion of men writing about men.”

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

Essas questões se tornam mais claras à medida que nossas hipóteses são atestadas pelas fontes. Assim, a obra *Catherine de Medicis and Others, Portraits of the Queen Mother: Polemics, Panegyrics, Letters* de Leah Chand e Katherine Kong (2014) é essencial para a pesquisa e o presente artigo, pois ela compila trinta e três cartas traduzidas do francês seiscentista para a língua inglesa atual enviadas por Catarina de Médici entre os anos de 1533 a 1580. Nessas cartas é nítida a forma como Catarina aciona dispositivos como a maternidade e as relações familiares para o exercício do poder. A exemplo, a carta de Catarina ao rei da Espanha, Felipe II, de 28 de agosto de 1572 (CHANG, KONG, 2014, p. 92).

Ao Monsieur Meu Filho⁴ O Rei Católico.

Monsieur meu filho, eu não tenho dúvidas de que você se sente tão bem quanto a boa sorte que Deus nos mostrou ao dar ao rei monsieur meu filho uma maneira de se livrar desses insurgentes, rebeldes contra Deus e o rei, e que isso agradava a Ele por preservar o rei e todos nós da crueldade de suas mãos. [...] Alegro-me ainda mais ao pensar que esta ocasião confirmará e aumentará a amizade entre Sua Majestade e o rei seu irmão, que é a coisa que mais desejo neste mundo, e garanto a você e imploro que confie nisso. Sempre exercerei o ofício de mãe que tenho a sorte de ser para vocês dois, enquanto eu viver. [...]

Sua boa mãe e irmã, Catarina.⁵

Nesta carta enviada ao monarca espanhol apenas quatro dias após o massacre da Noite de São Bartolomeu, Catarina demonstra que após nove anos da declaração da maioria de Carlos IX e o fim formal da regência, ela continuava atuando politi-

⁴ Catarina se refere ao rei da Espanha como “meu filho” pois Isabel de Valois, sua filha, foi a terceira esposa de Felipe II.

⁵ Tradução livre: To Monsieur my Son The Catholic King. Monsieur my son, I have no doubt that you feel as good as we do the good fortune that God has shown us in giving the king monsieur my son a way to rid himself of these insurgents, rebels against both God and king, and that it pleased Him to preserve the king and all of us from the cruelty of their hands. [...] I rejoice all the more to think that this occasion will confirm and augment the friendship between Your Majesty and the king your brother, which, is the thing I most desire in this world, and I assure you and beseech you to trust that I will always perform the office of mother which I have the fortune of being for you both, for as long as I shall live. [...] Your good mother and sister, Catherine.

camente em favor de seu filho e da monarquia francesa. A rainha-mãe pauta essa atuação em dispositivos da maternidade política muito expressivos, empregando termos que aproximam Catarina e Felipe II como se fossem mãe e filho – mesmo após a morte trágica de sua filha Isabel, esposa do rei da Espanha. A carta tem forte teor político, visto que a Espanha era o reino mais poderoso da Europa e um dos bastiões do catolicismo e a França estava bastante fragilizada. Esse padrão se repete ao longo de diversas cartas destinadas a primos, a outros genros, como o Rei de Navarra, e autoridades diversas, nas quais sua experiência feminina da maternidade é um artifício fundamental para sua agência política.

Por ser extremamente sensível, habilidosa e moderada, a rainha-mãe conseguiu manejar de maneira extraordinária as reivindicações e ambições dos membros do conselho, especialmente dos Bourbon e dos Guise, para se tornar regente em 1560. Nesse encontro no *Château de Fontainebleau*, adjetivado por Frieda como uma das maiores vitórias políticas de Catarina (FRIEDA, 2011, localização 3163), pode-se perceber com clareza a forma como ela manobrou os assuntos políticos utilizando sua reputação, que até o momento era absolutamente virtuosa, junto de sua posição como viúva e mãe, para garantir sua autoridade política em nome de seu filho. Nas duas seguintes cartas é perceptível a forma como se mostram características da sua agência política junto da relação com a maternidade e a viuvez. A primeira delas foi endereçada ao bispo de Rennes, Bernardin Bochetel, embaixador da França na corte de Fernando I, imperador do Sacro Império Romano Germânico.

6 de dezembro de 1560.

Para o senhor de Rennes, Mestre de Petições no Palácio do rei meu Filho e seu embaixador junto ao Imperador.

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

Senhor de Rennes, é com grande pesar que lhe envio a triste notícia que você irá ler na carta sobre o rei, meu filho. Pode ter certeza de que a aflição que sinto por isso é tão mordaz e tão dolorosa que seria totalmente intolerável se eu não considerasse que tal era a vontade de Deus que nos dispõe como bem quer e se eu não visse as duas grandes perdas que sofri em tão pouco tempo. [...] Eu também ensinei a ele aquelas qualidades que o imperador tantas vezes notou no falecido rei meu filho [Francisco II] e sobre as quais ele me aconselhou tantas vezes, de tal forma que ele nunca verá nele [Carlos IX] outra coisa senão o que deve-se esperar do mais virtuoso dos príncipes. [...] Vou ordenar o pagamento da sua propriedade assim que tivermos resolvido parte de nossos negócios [...]

Catherine. (CHANG, Leah; KONG, Katherine, 2014, p. 69-71)⁶

A segunda foi endereçada à sua filha, Isabel, rainha da Espanha.

7 de dezembro de 1560.

Para a senhora minha filha, a Rainha Católica.

Senhora, minha filha, eu encarreguei este serviçal de lhe dizer muitas coisas em meu nome, o que me poupará de lhe escrever uma longa carta. Direi apenas que você não deve se preocupar com nada e ter a certeza de que não sentirei pesar em governar de tal forma que Deus e o mundo tenham orgulho de mim. Pois é meu objetivo principal ter diante dos meus olhos a honra de Deus em todas as coisas e salvaguardar minha autoridade, não para mim, mas para a preservação deste reino e para o gozo de todos os seus irmãos, de quem amo pois vieram do mesmo lugar de onde todos vocês vieram. [...]

Sua querida mãe,

Catherine. (CHANG, Leah; KONG, Katherine. 2014, p. 69-71)⁷

⁶ Tradução livre: December 6, 1560. To Monsieur de Rennes, Master of Requests at the Palace of the King my Son and his Ambassador to the Emperor. Monsieur de Rennes, It is with great regret that I send you the sad news you will read in the letter from the king my son. You can be assured that the affliction that I feel from this is so poignant and so painful that it would be entirely intolerable if I did not consider that such was the will of God who disposes of us as He pleases and if I did not see the two great losses that I have suffered in such a short time. [...] I have also taught him those qualities that the Emperor had so often noted in the late king my son [François II] and on which he counseled me so often, such that he will never see in him [Charles IX] anything but one should expect from a most virtuous prince. [...] I will order the payment for your estate as soon as we have arranged our affairs a bit [...]

Catherine.

A primeira carta é bastante interessante pelo seu conteúdo, mas também pela ordem dos assuntos e a forma como eles são tratados. Ela se inicia com a triste notícia da morte de seus filhos e segue para uma ode à educação e virtuosidade deles, fruto de sua criação. Em seguida, trata de maneira bastante objetiva sobre assuntos políticos diversos, como os encontros com o Imperador, questões religiosas e também o pagamento das rendas do bispo. Essa sequência prepara o leitor para o assunto em si, que é a política, e essa preparação inevitavelmente recorre ao seu papel maternal, cujos frutos, segundo Catarina, podem ser vistos na educação primorosa que Francisco II e Carlos IX haviam recebido dela.

Na segunda, mais informal, visto que é endereçada a sua filha, Isabel, a rainha-mãe delinea as intencionalidades que permeiam sua atuação política, que é única e exclusivamente em favor de seu filho, da Coroa e da França. Na carta, a rainha também ressalta a regência que ela acabou de assumir será de tal forma bem sucedida que todos na cristandade terão orgulho dela.

As representações de Catarina de Médici: da virtude à perfídia

Como mencionado anteriormente, muitos foram os sujeitos que produziram informações sobre Catarina – contemporâneos a ela ou não –, desde romances clássicos como *A Rainha Margot*, de Alexandre Dumas, escrito em 1845, à uma infinidade de

⁷ Tradução livre: December 7, 1560. To Madame my daughter, the Catholic Queen. Madame, my daughter, I am charging this porter with telling you many things on my behalf, which will keep me from having to write to you a long letter. I will only say that you should not trouble yourself about anything, and rest assured that I shall feel no pain in governing myself in such a way that God and the world will have occasion to be content with me. For it is my principal goal to have before my eyes the honor of God in all things and to safeguard my authority, not for myself, but for the preservation of this kingdom and for the goof of all your brothers, whom I love as coming from the place from which you all have come. [...] Your good mother, Catherine.

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

retratos, pinturas, romances, escritos jurídicos, dentre outros. Passaremos agora a analisar duas obras de arte da época, uma de François Clouet, encomendada pela Coroa francesa, e outra de François Dubois, sobre a Noite de São Bartolomeu. Também serão relevantes os escritos de Jean Bodin para pensar a abordagem jurídica da memória negativa de Catarina de Médici presente na História da França.

Para além dos conceitos já enunciados, o conceito de representação de Roger Chartier (1991)⁸ se mostra essencial, pois diversos sujeitos construíram imagens e símbolos de Catarina, e a arte foi um dos principais meios de divulgação. Assim, percebe-se como indivíduos e grupos atuam na construção do mundo social através de representações, pensando que a própria rainha-mãe também foi produtora de imagens sobre si mesma, sendo elas deliberadas ou não. Para a análise das obras a seguir, os três conceitos mencionados estão articulados, pensando matrimônio, maternidade e viuvez, mas também a maldade e a perfídia atribuídas à Catarina.

⁸ O conceito de representação é uma forma de dar significado para o mundo social por um indivíduo ou um grupo deles. É um processo de significação, carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente ou grupo social.



Imagem 1: Catarina de Médici (François Clouet, 1580)

O retrato encomendado por Catarina de Médici a François Clouet, artista francês responsável por diversos retratos régios, dá relevo à sobriedade e à austeridade do rosto de Catarina, numa tentativa de ressaltar suas virtudes e dignidade compatíveis com a sua condição. Todavia, pelo fato do retrato ter sido produzido após a Noite

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

de São Bartolomeu, havia à época outras imagens negativas da rainha-mãe circulando. Assim, a intenção deste quadro foi contrapor às críticas difamatórias uma imagem positiva. As roupas e o véu pretos são sinais inequívocos da perpétua devoção ao casamento e ao seu falecido marido, o rei Henrique II. A austeridade também pode ser entendida como uma forma de atestar sua dedicação aos filhos que, em 1580, já estavam quase todos mortos, mas também um apreço à própria França, visto que sua atuação política era validada pelo discurso de garantia da paz e da harmonia no país. Ou seja, a forma como Catarina construiu sua imagem, para além de uma ação individual, era também uma forma de consolidar sua posição política e seus ideais de virtuosidade, como uma devota viúva e mãe.



Imagem 2: Noite de São Bartolomeu (François Dubois, 1572)

A pintura realista de François Dubois, artista huguenote e bastante crítico de Catarina de Médici, ao contrário do retrato executado por Clouet, tem a intenção de representar o horror e a desesperança. O cenário é a frente do Palácio do Louvre, à época sede da monarquia francesa, e ao mesmo tempo mostra o horror da violência religiosa e elege seus culpados. Por que a rainha-mãe foi incluída nesse cenário se a regência já havia acabado há nove anos e diversos foram os sujeitos envolvidos na guerra civil – desde nobres e clérigos até pessoas comuns?

É importante ressaltar que a legitimidade política de Catarina de Médici adveio do seu papel como mãe e esposa, porém essas eram condições ambíguas, no sentido de que poderiam ser utilizadas ao seu favor, como ela o fez, ao mesmo tempo em que davam as condições para se difamar uma mulher enquanto sujeito político. Ou seja, Catarina, ao utilizar esses signos virtuosos para legitimar seu poder, estaria agindo em desconformidade com os papéis de subserviência delimitados em um país que impedia as mulheres de acessarem a soberania. Dessa forma, o exercício da regência foi usado contra ela, especialmente após a Noite de São Bartolomeu, quando ela foi descrita como “politicamente inescrupulosa e moralmente repreensível, pois ela havia idealizado o massacre, envenenado seus inimigos, ensinado princípios maquiavélicos aos seus filhos e corrompido sua moral” (WEELLMAN, 2015, p. 88).⁹

O historiador Philip Benedict (2013) aponta que as Guerras de Religião, para além de dividirem a França em duas facções, os huguenotes e os católicos, causaram um novo conflito, desta vez pela memória. Cada lado acreditava que estava agindo de forma correta e de acordo com as escrituras sagradas, porém os huguenotes foram mais bem sucedidos nessa tarefa da construção da memória, a exemplo do Livro dos

⁹ Tradução livre: [...] she was politically unscrupulous and morally reprehensible; she had masterminded the massacre, poisoned her enemies, taught her children Machiavellian principles, and corrupted their morals.

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

Mártires, o terceiro livro mais adquirido na França no período, atrás somente da Bíblia e do Saltério. Uma em cada oito famílias huguenotes o possuíam (BENEDICT, 2013, p. 114). Após o Édito de Nantes ser assinado pelo rei Henrique IV, em 1598, da Casa Bourbon, favorável aos huguenotes, a memória oficial que a rainha-mãe e seus aliados construíram não se consolidou e o imaginário francês foi permeado pelas interpretações protestantes que culpavam os Valois, especialmente Catarina de Médici, pela Noite de São Bartolomeu.

No lado dos católicos, mesmo que houvesse também a construção de memórias sobre esse período de guerra civil, elas não eram em sua totalidade positivas em relação a rainha-mãe. Além do mais, os descendentes de ambos os lados julgavam importante manter seu lado da história vivo, porém havia interesse para os da Liga Católica que fizeram paz com Henrique IV em esquecer esse passado de oposição à sua ascensão para começar um novo capítulo. Dessa forma, prevaleceu e se consolidou uma visão bastante estereotipada e difamatória em relação a Catarina, ou de esquecimento ou de alerta para que não se repetisse (BENEDICT, 2013, p. 112).

Voltando à pintura de Dubois, é relevante notar que ela foi parte importante dessa memória construída pelos huguenotes e é, até a atualidade, um dos mais emblemáticos símbolos das Guerras de Religião. Nela é possível identificar Catarina de Médici, ao fundo, com suas típicas vestes pretas, ao lado de uma pilha de cadáveres. Dubois executou a obra criando uma perspectiva linear que converge o olhar do espectador até o ponto de fuga da tela, de modo a realçar a figura da rainha-mãe. A tela representa muito bem os elementos associados à rainha como idealizadora de um massacre que contemplava fora do Palácio. Além de Catarina, o artista incluiu o rei Carlos IX e a principal liderança da Liga Católica, o Duque de Guise, porém nenhum dos dois têm uma memória tão negativa como a rainha-mãe.

Pelas razões indicadas acima, é necessário recorrer à importante obra de Jean Bodin, *Os Seis Livros da República*, de 1576. Bodin era membro do Parlamento de Paris e testemunhou o massacre da Noite de São Bartolomeu, tendo quase sido morto. Ele foi um dos primeiros juristas modernos a tratar do conceito de soberania e em seu livro de 1576 teve como um dos principais exemplos para representar o que não deveria ser seguido, a rainha-mãe, como na seguinte passagem:

Eu disse que a Coroa deve descender pela linha masculina, visto que a ginecocracia é diretamente contrária às leis da natureza. A natureza dotou os homens de força, clarividência, combatividade, autoridade, mas privou as mulheres dessas qualidades. Além disso, a lei de Deus prescreve explicitamente que a mulher deve ser sujeita, não apenas em questões relativas à lei e ao governo, mas dentro de cada família particular. A mais terrível das maldições proferidas contra o inimigo foi que eles poderiam ter mulheres para governá-los. Até mesmo a lei civil proíbe às mulheres todos os encargos próprios dos homens, como julgar, apelar e atos semelhantes. Isso não é apenas por sua falta de prudência, mas também porque a ação vigorosa é contrária ao sexo [feminino], e à modéstia e reserva naturais das mulheres. (BODIN, 1967, p. 211)¹⁰

O autor é muito claro sobre sua oposição ao exercício da soberania por mulheres, pois, segundo ele, o reino seria exposto a graves perigos – da mesma forma que a França foi exposta durante a regência de Catarina de Médici. Para ele, uma mulher no poder era algo que iria contra as leis naturais e de Deus. Assim, percebemos que a agência política de Catarina de Médici é a resposta para entender de que forma foi construída sobre ela uma notória memória negativa, que perdura até a atualidade. Se eram escassas as oportunidades de acesso ao poder, sempre relacionadas ao matri-

¹⁰ Tradução livre: I have said that the crown ought to descend in the male line, seeing that gynecocracy is directly contrary to the laws of nature. Nature has endowed men with strength, foresight, pugnacity, authority, but has deprived women of these qualities. Moreover the law of God explicitly enjoins that the woman should be subject, not only in matters concerning law and government, but within each particular family. The most terrible of maledictions uttered against the enemy was that they might have women to rule over them. Even the civil law forbids to women all charges and offices proper to men, such as judging, pleading, and such-like acts. This is not only because of their lack of prudence, but also because vigorous action is contrary to the sex, and to the natural modesty and reserve of women.

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

mônio e à maternidade, a maioria das poucas mulheres que conseguiam exercê-lo de fato foram duramente criticadas por seu tempo e pela história. Esse discurso se espalhou para todas as esferas da vida de Catarina, ao ponto em que o célebre escritor francês Honoré de Balzac descreveu a rainha-mãe, três séculos após sua morte, como sendo uma “mulher sem coração, que permitiu que seu filho, Francisco II, morresse para que ela pudesse declarar: eu sou regente *de facto*” (WEELLMAN, 2015, p. 90).¹¹

Considerações finais

Catarina de Médici acreditava que seu papel de regente era natural, pois, como mãe, não haveria ninguém mais capacitada em defender a soberania dos seus filhos do que ela. Também pensava que sua autoridade deveria ser resguardada a todo custo, não por ela, mas pelo bem de seus filhos e da nação (WEELLMAN, 2015, p. 86). A sua natureza conciliadora não foi suficiente para impedir que a França se dividisse em dois partidos tão distintos e irremediáveis, mesmo que para ela – de criação humanista na esplendorosa cidade de Florença – a religião fosse uma prática importante, porém não motivadora de conflitos. Todavia, assim como em diversos capítulos da história, a deferência da historiografia ao *pater familias* promoveu e ainda promove um grande número de interpretações enviesadas, visto que até os dias atuais a invocação do nome Catarina de Médici desperta ideias de sua suposta perfídia, além de imagens de serpentes e sombras, assim como foi descrita pela escritora inglesa Princesa Miguel de Kent, em sua obra *The Serpent and The Moon: two rivals for the love of a Renaissance king*, de 2004.

Por fim, é importante que a historiografia atual se concentre em questionar imagens preconceituosas de sujeitos históricos como as *Bad Queens* (rainhas más),

¹¹ Tradução livre: For Balzac, Catherine was a heartless woman, who allowed her son, Francis II, to die so that she could declare: “I am regent *de facto*.”

que parecem caber tão bem à mulheres como Catarina de Médici, Maria Tudor e Maria Antonieta. Por que razão Henrique VIII é descrito até hoje de uma forma até mesmo cômica e galanteadora, enquanto sua filha é conhecida como *Bloody Mary* (Maria sangrenta)? A historiografia não deve reproduzir representações estereotipadas, mas suscitar discussões fundamentadas em fontes e conceitos a fim de criticar as interpretações preconceituosas.

Referências Bibliográficas

BENEDICT, Philip. Shaping the memory of the French wars of religion. The first Centuries. In.: KUIJPERS, Erika; MÜLLER, Judith; STEEN, Jasper van der. **Memory before modernity**. New York, Brill, 2013, p. 111-125.

BODIN, Jean. **Os seis livros da República**. São Paulo: Ícone, 2017.

CHANG, Leah; KONG, Katherine. **Catherine de Medicis and Others, Portraits of the Queen Mother: Polemics, Panegyrics, Letters**. Tempe, ACMRS Publications, 2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Estudos Avançados**, vol. 11, n. 5, 1991, p. 173-191.

CRAWFORD, Katherine. Catherine de Medicis and the Performance of Political Motherhood. **The Sixteenth Century Journal**, vol. 31, n. 3, 2000, p. 643-673.

FRIEDA, Leonie. **Catherine de Medici: a Biography**. London, Weidenfeld & Nicolson, 2011, Versão para o Kindle.

SCOTT, Joan, Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, vol. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

Catarina de Médici (1519 – 1589): Imagens de gênero e poder

WEELLMAN, Kathleen. Mistrusting the Historiography of Royal Mothers: Louise of Savoy and Catherine de Medici. **Medieval Feminist Forum: Journal of the Society for Medieval Feminist Scholarship**, vol. 51, no. 2, 2015.

Imagens

Imagem 1: Victoria and Albert Museum, Londres, Reino Unido. **Catarina de Médici**, retrato pintado por François Clouet, em 1580.

Imagem 2: Museu Cantonal de Belas Artes de Lausanne, Suíça. **Noite de São Bartolomeu**, tela pintada por François Dubois, em 1572.